

Historiografia da Crítica Textual de autores brasileiros: o caso Euclides da Cunha

Phablo Roberto Marchis Fachin¹
Suellen Carneiro da Silva²

HISTORICAMENTE, A BUSCA PELO ESTABELECIMENTO DOS TEXTOS, COM O INTUITO DE RECONSTITUÍ-LOS À SUA GENUINIDADE, em recuperar o patrimônio de uma cultura por meio da sua edição, literários ou não, tem sido acompanhada por um conjunto, muitas vezes conflitantes de teorias e métodos, diferentes maneiras de olhar o texto, sua tradição e o seu estabelecimento. Há manuais que recorrentemente são mencionados em estudos críticos brasileiros, entre eles, Spina³, Bleuca⁴, Azevedo Filho⁵, Spaggiari e Peruggi⁶ e Cambraia.⁷ De diferentes perspectivas, transmitem o aprendizado inicial sobre Crítica Textual e seus procedimentos. De acordo com Rocha e Moreira,

A leitura acurada de estudos em que se nos apresentam modalidades do fazer filológico presentes em uma vasta produção de estudos textuais, composta por ensaios, artigos publicados em periódicos e livros, é capaz de revelar o modo como alguns lugares comuns críticos, que foram apropriados por estudiosos como Spina (1977), Azevedo Filho (1987) e Cambraia (2005) são dominantes e determinantes no modo de pensar da maioria dos filólogos portugueses e brasileiros desde as suas primeiras publicações.⁸

A tradição de determinada obra e a metodologia a ser utilizada, porém, podem não ser modelares como apresentadas nos manuais. Além de se lançar mão desse tipo de material, também é necessário enfrentar o texto e a sua história, em busca de sua forma de transmissão, de identificar suas particularidades, os traços da pena do autor, ou modernamente, dos caracteres datiloscritos ou digitais. A história do texto, portanto, determina o caminho a percorrer para alcançar tal objetivo e reconstituir a sua história, mesmo não sendo possível, em alguns casos, alcançar o seu estado genuinamente autoral⁹.

Se para o crítico textual o caminho é árduo e complexo, para os leitores de obras críticas, nem sempre fica tão claro o procedimento utilizado ou como se alcançou tal resultado. Embora com uma parte explicativa a esse respeito, intitulada "introdução crítico-filológica", "notas filológicas", "notas de edição" ou "explicação filológica", por meio da qual o editor apresenta informações

¹ Professor Doutor na Universidade de São Paulo. E-mail: phablo@usp.br.

² Iniciação Científica na Universidade de São Paulo. E-mail: suellen.carneiro.silva@usp.br.

³ SPINA, S. *Introdução à edótica: crítica textual*. São Paulo: Cultrix/Editora da Universidade de São Paulo, 1977.

⁴ BLECUA, A. *Manual de crítica textual*. Madrid: Editora Castalia, 1983.

⁵ AZEVEDO FILHO, L. *Iniciação em crítica textual*. São Paulo: Presença/Edusp, 1987.

⁶ SPAGGIARI, B; PERUGGI, M. *Fundamentos da crítica textual*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

⁷ Cf. CAMBRAIA, C. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

⁸ ROCHA, M.; MOREIRA, M. *Considerações para a escrita de uma história prosopográfica da filologia portuguesa*. Colóquio do Museu Pedagógico. Vol. 12, n. 1, 2017. p. 1719.

⁹ FACHIN *et al.* O texto que se lê de autores nacionais. *Filologia e Linguística Portuguesa*, v. 12, p. 105-123, 2010.

detalhadas sobre os testemunhos que compõem a tradição da obra editada e o método utilizado, ainda assim não é tarefa simples entender a constituição do texto crítico. Compreender todo esse processo vai além da leitura de manuais. Se, para levar a cabo a edição o editor precisa ir às fontes e enfrentar o texto e sua história, para compreender o seu resultado o leitor precisa se inteirar dos pormenores que conduziram o editor nas suas escolhas ao emendar o texto diante das lições variantes dos testemunhos, processo explicitado, na maioria das vezes, pelo aparato crítico da edição.

No contexto de alunos do curso de Letras, é muito significativo estar em contato e entender o processo de transmissão dos textos, principalmente literários, compreender todas as etapas do trabalho de reconstituição de uma obra, previstas em manuais de Crítica Textual e, de fato, aplicadas, para que possa perceber que os textos disponíveis chegam a apresentar diferenças relevantes e comprometedoras de fidedignidade, a ponto de instalar-se a dúvida de qual seria o original do autor nesta e naquela passagem. Compreender o processo de criação e alteração autoral, muitas vezes também não-autoral, é muito significativo para a sua análise crítico-literária: “O público leitor, apenas ocasionalmente, toma conhecimento de parte do problema, e a tradição impressa avança intrépida multiplicando edições com problemas sobrepostos”¹⁰.

A situação se torna mais complexa quando determinada obra possui mais de uma edição crítica, às vezes, três ou quatro. Em alguns casos, a quantidade é justificada pela descoberta de novos testemunhos; em outros, pela mudança de metodologia aplicada. Em ambos os contextos, redirecionam-se o olhar do editor e a maneira de organizar e compor a tradição textual. Servem como exemplos as edições críticas de *Dom Casmurro*, organizadas pela Comissão Machado de Assis (1975) e por Maximiano de Carvalho e Silva (2014), as de *Macunaíma*, realizadas por Telê Ancona Lopez (1978, 1988, 1996), a de “Linha Reta e Linha Curva”, conto de Machado de Assis, por Ana Cláudia Suriani da Silva (2003) e a de *Os Sertões*, por Walnice Nogueira Galvão (1985, 1998, 2009, 2016).

Nesse sentido, a compreensão dos fundamentos da Crítica Textual concentra-se na análise de um objeto concreto, no caso, a própria edição crítica. Não só em busca de seu aparato teórico, mas de todas as etapas de sua construção, as quais permitem ao leitor entender o processo criativo autoral, as transformações que o texto pode sofrer ao longo do tempo, assim como o enfoque científico adotado pelo editor para alcançar o estabelecimento do texto crítico.

Partindo-se dessas considerações, neste artigo, apresenta-se a análise das edições críticas de *Os Sertões*, realizadas por Walnice Nogueira Galvão¹¹, tendo como foco: 1) o estudo crítico das quatro edições; 2) a verificação de teorias e métodos utilizados para a sua concretização; 3) a indicação de diferenças e suas implicações crítico-literárias. Tal estudo compõe projeto mais amplo, intitulado *Historiografia da Crítica Textual de Autores Brasileiros*, desenvolvido na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, no Programa de Filologia e Língua Portuguesa. Procura-se, por meio da análise de edições críticas de autores brasileiros, fazer com que o estudante de graduação entenda o processo de criação e transmissão dos textos e o relacione com o que tem sido feito no contexto literário brasileiro, ou seja, desenvolver competências acadêmicas

¹⁰ Ibidem, p. 107.

¹¹ Cf. CUNHA, Euclides da; GALVÃO, Walnice Nogueira. *Edição crítica de Os Sertões*. São Paulo: Brasiliense, 1985; Idem. *Os Sertões: Campanha de Canudos*. São Paulo: Ática, 1998.; Ide. *Os Sertões*. São Paulo: Ática, 2009. Idem. *Os Sertões*. São Paulo: UBU, 2016; Idem. *Variantes e comentários: Os Sertões*. São Paulo: Ática, 2009.; Idem. *Variantes e comentários: Os Sertões*. São Paulo: Ubu, 2016.

indispensáveis para o estudante em Letras no contato com o texto literário.

Uma breve contextualização da crítica textual de autores brasileiros

Uma edição crítica se caracteriza pelo confronto de testemunhos, em busca de identificar as transformações que determinada obra sofreu ao longo do tempo, autorais ou não, e restituí-la ao seu estado original, ou o mais próximo dele. Como afirma Vasconcelos, “numa edição crítica procura-se, tanto quanto possível, apresentar ao leitor a obra tal qual o autor a redigiu”¹². De acordo com Cambraia¹³, o seu processo de realização pode ser dividido em duas grandes etapas: 1) o estabelecimento do texto crítico, composto pelo levantamento, estudo, cotejo das fontes, além da determinação de sua genealogia e sua reconstituição, realizada por meio dos testemunhos subsistentes e/ou por meio de conjectura; 2) a apresentação do texto, em que se organiza todo o material para ser apresentado ao público-leitor.

Modelo básico de Apresentação do texto crítico¹⁴

Sumário

Apresentação

I. Introdução

I.1. Autor

I.2. Obra

I.3. Tradição da obra

I.3.1. Percurso histórico

I.3.2. Testemunhos

I.3.3. Estema

I.3.4. Fortuna editorial

II. Texto

II.1. Sigla dos testemunhos

II.2. Normas de edição

II.3. Texto e aparato crítico

III. Glossário

IV. Referências bibliográficas

Um breve levantamento de edições críticas de autores brasileiros retornaria um número bastante significativo de obras. Muitas delas de difícil acesso ao público, encontradas apenas em instituições com tradição de conservação e reunião de materiais raros; outras já disponíveis digitalmente, por meio de projetos como o da Brasiliana-USP, por exemplo, que tem promovido o processo digital de diversos textos, antes restrito a apenas um público seletivo ou a colecionadores. Entre os autores brasileiros cujas obras passaram por edição crítica estão Castro Alves, Tomás Antonio Gonzaga, José de Alencar, João Simões Lopes Neto, Martins Pena, Machado de Assis, José Bonifácio de Andrada e Silva, José de Alencar, Manuel Antônio de Almeida, Joaquim de Sousa

¹² VASCONCELLOS, J. L. de. *Opúsculos*. v.1. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1928, p. 3140.

¹³ CAMBRAIA, C. Op. cit.

¹⁴ *Ibidem*, p. 162.

Andrade, Euclides da Cunha, Mário de Andrade, Clarice Lispector, José Américo de Almeida, Lúcio Cardoso, Manuel Bandeira, Lima Barreto, Rachel de Queiroz, Gilberto Freyre e Carlos Drummond de Andrade.

Desse conjunto, destaca-se o caso de Machado de Assis, por meio da Comissão Machado de Assis, um dos mais importantes processos brasileiros de edição crítica formalizado oficialmente durante a década de 50 do século XX, composta pelos mais destacados filólogos e críticos literários da época.

Criada por uma portaria presidencial de Juscelino Kubitschek para consolidar os textos machadianos e ampliada no governo militar para incluir quaisquer escritores da língua portuguesa que mereçam ter o seu cânon textual estabelecido criticamente, a COMISSÃO MACHADO DE ASSIS estabeleceu o melhor corpo de doutrina sobre edição crítica de autor moderno da língua portuguesa (adaptável para qualquer domínio linguístico) e preparar filologicamente quase duas dezenas de volumes.¹⁵ (SILVA, 2008, p. 1)

Os critérios utilizados pela Comissão implicam a aplicação dos mesmos procedimentos para todas as obras do romancista: “No fundamental, todas as obras do autor publicadas em vida têm seu perfil estemático perfeitamente caracterizado, segundo um estema linear do tipo: ms→P→S→T→”¹⁶, sobrepondo-se, certamente, aos caminhos que a história de cada tradição textual possa levar:

Visa-se, com esse texto, a fornecer a versão mais próxima do que teria desejado e realizado o autor com suas contradições de pessoa que, vivendo num ambiente linguístico, o assimilou em contatos culturais os mais vários, de classe, de profissões, de instruções, de idades, de sexos, de meios, ademais de tentar até certo ponto, intemporalizar-se, com encampar características linguísticas de épocas literárias progressas, sem falar na provável eventualidade de que terá tido contato com indivíduos falantes de outras áreas dialetais da língua, e de outras línguas. Essa versão textual, se obtida – como o espera a Comissão –, é fonte sobre a qual, legitimamente, se podem exercer todas as pesquisas e estudos – linguísticos, estilísticos, estéticos, éticos, históricos, sociais, e o que mais for. Não se trata, numa edição como esta, de resolver todos os problemas que um texto, e um contexto, e uma obra encerram – coisa, aliás, que não se esgota nunca, pelas potencialidades de atualização (isto é, de eficácia para a ação presente) que se encerram em obras tais. Trata-se, isto sim, de ministrar a base mínima fundamental – mas sólida – que toda comunicação linguística exige para sobre ela poder tomar-se alguma conclusão válida: a fidedignidade e a fidelidade ao seu criador, nas condições essencialmente contraditórias de sua contingência humana.¹⁷

¹⁵ SILVA, J. *A Comissão Machado de Assis e a Crítica Textual no Brasil*. Disponível em: [http://www.filologia.org.br/machado_de_assis/A Comissão Machado de Assis e a crítica textual no Brasil.pdf](http://www.filologia.org.br/machado_de_assis/A%20Comiss%C3%A3o%20Machado%20de%20Assis%20e%20a%20cr%C3%ADtica%20textual%20no%20Brasil.pdf). Acesso em: 14 jun. 2018.

¹⁶ ASSIS, J. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Comissão Machado de Assis, obras de Machado de Assis, VI. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1960, p. 59.

¹⁷ ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. Edição crítica. Rio de Janeiro; Brasília: Civilização Brasileira; Instituto Nacional do Livro, 1977, p. 56-57.

Processo semelhante ocorreria algumas décadas depois por meio das publicações da *Colección Archivos de la literatura latinoamericana y del Caribe del Siglo XX*, um dos mais bem-sucedidos projetos internacionais dentro do âmbito da Crítica Textual. Entre os autores editados, destacam-se os brasileiros Mário de Andrade, Clarice Lispector, Lúcio Cardoso, Lima Barreto, Manuel Bandeira e Gilberto Freyre. Além de compartilharem a mesma metodologia para a edição crítica, tendo ou não um caráter genético, apresentam também a mesma estrutura. No entanto, uma análise mais apurada do resultado do trabalho da Coleção demonstra particularidades que as diferenciam significativamente, por causa, principalmente da história dos textos que compõem cada uma das tradições em questão.

O esquema adotado pela *Archivos* possui as seguintes determinações, com pequenas variações:

1. Introdução → Liminar → Introdução do coordenador → Nota filológica e estudo genético;
2. O Texto → A obra → Variantes e notas críticas → Glossário;
3. Quadro cronológico;
4. História do texto → Gênese e circunstância (produção da obra) → Destinos;
5. Leituras do texto → Temática → Intratextual → Estruturas, formas e linguagens;
6. Dossiê da obra → Dossiê de recepção → Correspondências → Manuscritos e documentos fotográficos e iconográficos.

Não é comum se observar, nas obras editadas de autores brasileiros, menção a manuais específicos ou a determinada metodologia teórica para a concretização da edição crítica. São raros os casos em que isso acontece. Um deles é o de *Os Sertões*, com referência aos trabalhos da Comissão Machado de Assis e aos procedimentos por ela seguidos, assim como a outros materiais. Analisando edições brasileiras em seu conjunto, no entanto, observam-se indícios de um seguimento próximo ao encontrado nos manuais aqui já mencionados. Como se de certa forma, embora sem um diálogo explícito entre elas, tais obras compusessem uma tradição crítica que tem sido desenvolvida no Brasil ao longo do século XX em relação à Crítica Textual de textos modernos, cujo caminho tem dependido, ainda que com exceções, da história dos textos e da sua tradição textual.

Os Sertões e a Comissão Machado de Assis

A Comissão Machado de Assis editou e publicou 15 volumes, entre poesia, romances e contos: *Contos Fluminense*, *Helena*, *Iaiá Garcia*, *Histórias da meia noite*, *Histórias sem data*, *A mão e a luva*, *Poesias Completas*, *Ressurreição*, *Várias Histórias*, *Memorial de Aires*, *Relíquias de casa velha*, *Dom Casmurro*, *Memórias póstumas de Brás Cubas*, *Quincas Borba* e *Esau e Jacob*. Segundo a Comissão, grande parte dos manuscritos estava perdida, e a adoção para o estabelecimento crítico foi pela eleição de um dos testemunhos que apresentasse prioridade:

- a) já por fatos de cronologia externa incontrovertidos, aliados a circunstâncias de história interna que provem ter sido o membro aquele que melhor corresponde ao ânimo autoral; b) já pelo cotejo interno das lições textuais, caso a cronologia não possa ser seguramente estabelecida, de par com a caracterização do melhor ânimo autoral.¹⁸ (COMISSÃO, 1960, p. 60).

¹⁸ COMISSÃO Machado de Assis. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. 1960. Rio de Janeiro, Civilização INL, 1960, p. 60.

Estabelecidas as condições em (a) e (b), o texto era cotejado: “a) com os manuscritos que existirem; b) com todas as edições em vida; c) com algumas edições póstumas, recomendadas pelo tratamento textual; d) com as traduções idôneas, nos casos de dúvidas de interpretativo”¹⁹.

Eleito o texto de base, esse seria o da edição crítica, seguindo as normas da Comissão: levantadas todas as variantes, o editor crítico faria o esclarecimento dos pontos obscuros ou duvidosos; as interpretações luxuosas, eruditas, tautológicas, sinonímica ou ilustrativa, “que não forem imperativamente determinadas ou motivadas por variante, falha, omissão, lacuna, diferença, erro tipográfico ou *lapsus calami* óbvios, incoerência ostensiva não estética, serão eliminadas da edição crítica e seu aparato”²⁰, devendo constar no glossário. Já “as formas inusitadas, arcaizantes, inovantes, pessoais mais frequentes, de época, contrárias aos cânones vocabulares, morfológicos ou sintáticos mais consabidos não serão objetos de nenhuma referência no aparato crítico”²¹. Simplificar o revestimento gráfico, corrigir os erros óbvios, conservar as formas duvidosas, desde que passíveis de uma interpretação satisfatória, ainda que algo inverossímil²², com o objetivo de que o texto crítico seja uno e verdadeiro, e que tenha apenas uma tradição, apresente as evoluções linguísticas da época, e seja fiel em todos os fins.

Na Comissão, alguns princípios deveriam fazer parte do editor crítico: nenhuma simplificação deveria trair a forma original; em casos duvidosos, dever-se-ia optar pela lição conservadora (quando couber duas interpretações ou mais), o erro óbvio seria acolhido quando outro não coubesse.

Apesar das regras, “estas bases gerais, estabelecidas *a priori*, deveriam ser objeto de periódicas alterações, no sentido de serem progressivamente particularizadas, ao sabor do desenvolvimento da tarefa de estabelecimento do texto crítico, em face das ocorrências concretas”²³. Cada alteração por parte do editor crítico (subcomissão) deveria ser comunicada à Comissão, que, por fim, aprovaria ou rejeitaria as alterações. As decisões eram tomadas a partir do reconhecimento dos escassos estudos históricos da língua portuguesa, no período moderno e contemporâneo e da língua portuguesa no Brasil, assim como os estudos da língua literária²⁴.

Apesar do grande trabalho da Comissão, em estabelecer 15 obras de Machado de Assis, pode-se perder muito do processo criativo do autor delimitando e padronizando as mesmas regras para todas as edições, pois uma obra e sua tradição deveriam ser as responsáveis pela decisão do caminho a seguir, e não o contrário. É possível observar que, pela carência no trabalho de crítica textual no Brasil, sobram dúvidas quanto às decisões que precisam ser tomadas diante das complexidades que as obras apresentam, e que ao mesmo tempo é imprescritível que se respeite aquilo que de fato o autor escreveu, levando para o leitor aquilo que seria o mais próximo da manifestação autoral, pois no processo de transmissão das obras, muitas acabam sendo corrompidas, e o leitor raramente tem conhecimento do seu percurso.

Galvão explicita algumas regras baseadas na Comissão, como “nos casos de sincretismo, em respeito à fase viva da língua de que são testemunhas, eles serão todos mantidos, como recomendam

¹⁹ Ibidem, p.60.

²⁰ Ibidem, p. 61.

²¹ Ibidem, p. 61.

²² Ibidem, p. 61.

²³ Ibidem, p. 65.

²⁴ Ibidem, p. 65.

as normas da Comissão Machado de Assis²⁵, e procura detalhar minimamente as mudanças que Euclides faz em suas edições. Seja por erro de publicação, que foi motivo de desespero de Euclides²⁶, seja pela uniformização gráfica e ortográfica.

Os Sertões e suas edições críticas

Os Sertões, obra atualmente com quatro edições críticas, todas com organização de Walnice Nogueira Galvão, foi editado criticamente pela primeira vez em 1985 pela editora Brasiliense, segunda e terceira edições em 1998 e 2009 pela editora Ática, quarta edição em 2016 pela editora Ubu. Todas possuem o mesmo objetivo: “preparar e comentar o texto crítico, e efetuar uma análise comparativa das edições em vida do autor e das modificações por ele introduzidas em seus próprios textos”²⁷.

As edições de 1985 e 1998 estão publicadas em um único volume. A edição de 2009 é formada por um box, com duas edições, uma que contém o livro e outra que contém o trabalho filológico. Já a edição de 2016 segue o mesmo modelo da edição de 2009, mas a edição que contém apenas a edição de *Os Sertões* pode ser vendida separadamente das variantes (o contrário não), perdendo, o leitor, nesse caso, o acesso à construção e a informações do trabalho filológico.

Estruturalmente, e de modo geral, as quatro apresentam-se dessa forma:

Edições de *Os Sertões*

As edições de 1985, 1998, 2009 e 2016 estão organizadas da seguinte maneira:

1985	1998	2009	2016
Apresentação	Apresentação	Apresentação	Introdução
Histórico das edições	Histórico das edições	Histórico das edições	
Descrição dos exemplares	Descrição dos exemplares	Descrição dos exemplares	Descrição dos exemplares
Uniformização gráfica	Uniformização gráfica	Uniformização gráfica	Uniformização gráfica
Uniformização ortográfica	Uniformização ortográfica	Uniformização ortográfica	Uniformização ortográfica
<i>A emendatio euclidiana</i>	<i>A emendatio euclidiana</i>	<i>A emendatio euclidiana</i>	<i>A emendatio euclidiana</i>

²⁵ CUNHA, Euclides, Walnice Nogueira. *Os Sertões*. São Paulo: Ubu, 2016, p. 56.

²⁶ CUNHA, Euclides, Walnice Nogueira. *Variantes e comentários: Os Sertões*. São Paulo: Ubu, 2016, p. 11.

²⁷ *Ibidem*, p. 11.

Variantes e comentários	Variantes e comentários (ao final da obra)	Variantes e comentários	Variantes
-------------------------	--	-------------------------	-----------

Tabela 1: as edições e sua estrutura.

No processo de estudo e comparação das edições críticas de *Os Sertões*, a eliminação do capítulo “Histórico das edições” de 2016 é o que mais se destaca, pois, fora mudanças na diagramação, as edições permanecem muito semelhantes entre si. Nesse sentido, cabe um importante questionamento: o que justificaria a existência de tantas edições críticas de uma mesma obra, com diferentes editoras?

Feito o estudo das quatro edições críticas de *Os Sertões*, observa-se que em nenhum momento a justificativa da sua existência se dá pela descoberta de novos materiais, testemunhos, rascunhos ou anotações autorais que indicassem mudanças textuais na obra ou, então, diferente metodologia. Ao contrário, observa-se que a própria dinâmica do fazer editorial de Galvão, aliado ao seu conhecimento sobre o autor e sua obra, gera tentativas de uma reconstituição mais apurada do processo de transmissão pela qual o livro *Os Sertões* passou ao longo de sua história.

Como principal metodologia de trabalho, procura-se restaurar e reproduzir o exemplar da 3ª publicação da obra com as emendas apógrafas de Fernando Nery (AP), trasladadas das emendas autógrafas do próprio Euclides da Cunha²⁸. Para isso, realiza a colação da 1ª, 2ª, 3ª edições e AP, porque verificaram-se significativas alterações em todas elas. Como resultado do cotejo, Galvão obteve 180 páginas datilografadas de variantes, com uma média de 33 variantes por página, com cálculo de quase 6 mil variantes entre os quatro textos, sem levar em consideração as correções gráficas e ortográficas, com as quais ultrapassariam 10 mil ocorrências.

De acordo com Galvão²⁹, “a presente tarefa pôde ser cumprida graças à preexistência das normas da Comissão Machado de Assis”, e que se tiveram em conta “as escassas edições críticas de textos brasileiros, as quais, à falta de uma edição crítica anterior de *Os Sertões*, junto com as edições especiais deste livro que antes mencionamos, foram preciosos auxiliares de trabalho”. Galvão³⁰ também cita outras edições que serviram como base do estabelecimento de regras que dessem conta da abrangência da obra euclidiana. Além da edição crítica de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, foram mencionadas: *O Ateneu* (Afrânio Coutinho, 1981), *Memórias de um Sargento de Milícias* (Teresinha Marinho, 1969, Cecília de Lara, 1979), *Macunaíma* (Telê Porto Ancona Lopez, 1978), fac-similares de Alcântara Machado, *Pathé-Baby*, *Brás*, *Bexiga e Barra Funda e Laranja da China* (Cecília Lara, 1982).

Apesar do grande número de modificações encontradas, não existe nenhuma que seja de grande porte, como eliminação ou acréscimo de capítulos. O que ocorre com frequência é a virgulação e a paragrafação³¹. De modo específico, os pontos destacados no trabalho crítico em questão perpassa por todas as quatro edições analisadas, são eles:

²⁸ CUNHA, Euclides, Walnice Nogueira. *Variantes e comentários*: Os Sertões. São Paulo: Ubu, 2016, p. 7.

²⁹ *Ibidem*, p. 10.

³⁰ *Ibidem*, p. 10.

³¹ CUNHA, Euclides, Walnice Nogueira. *Variantes e comentários*: Os Sertões. São Paulo: Ubu, 2016, p. 8.

Apresentação

Breve comentário sobre a edição crítica com as correções de Euclides

Acréscimo de vírgulas

Acréscimo de acento

Acréscimo de o

Acréscimo de s

Espaços raspados

Uniformização gráfica:

Aspeamento

- a) Aspas com outros sinais de pontuação
- b) Aspas com chamada de rodapé
- c) Critérios para uso de aspas em citações

Algarismos: números, numerais, graus, pontos cardeais, datas e numeração de notas de rodapé

- a) Numerais ordinais
- b) Numerais cardiais
- c) Latitude e longitude
- d) Datas
- e) Numeração das notas de rodapé

Uniformização ortográfica:

- 1) Acentuação gráfica
- 2) Oscilação de S/Z intervocálico ou final
- 3) Oscilação de X/S
- 4) Oscilação de terminação IU/IO e EU/EO
- 5) Inicial S impuro
- 6) Oscilação Y/I
- 7) Separação vocabular
- 8) Sincretismo EM/EM e IN/IM inicial
- 9) Terminação ÉA/ÉIA e EA/EIA
- 10) Formas sincréticas em OU/OI, O/U e E/I pretônicos
- 11) Grupos consonantais
- 12) Sincretismo da terminação verbal AE/AI
- 13) H intervocálico
- 14) Formas contractas
- 15) Peculiaridades vocabulares

A *emendatio* euclidiana

As pausas do discurso

Troca de próclise pela ênclise (pronome se)

Eliminação parcial de vocábulos

- a) Diante/ diante
- b) Cujo (-a, -os, -as)
- c) Dilatado (-a, -os, -as)
- d) Estrada(s)
- e) Estranho (-a, -os, -as)
- f) Galhada (s)
- g) Lhe (s)

- h) Povoado (s)
 i) Soldado (s)
 Eliminação do sufixo -ado (-a, -os, -as)

Ao analisar e comparar as quatro edições críticas de *Os Sertões*, um dos traços significativos observados é a importância que Galvão reconhece no detalhamento das construções ocorridas entre uma edição e outra da obra, como se por meio delas fosse possível comprovar a meticulosidade com que Euclides da Cunha mudava seu texto, revelando assim todo o seu estilo, o qual ainda hoje é a causa de muitas discussões – principalmente quanto aos “erros” que foram publicados na primeira edição: “Euclides, exasperado pelo excesso de erros gráficos de seu primeiro rebento livresco, teria, pessoalmente, à mão, corrigido exemplar por exemplar da primeira edição”³². A uniformização gráfica e as alterações ortográficas mostram, além do processo criativo do autor, modificações corretivas que revelam uma caracterização de seu estilo.

Na busca de se compreender o enfrentamento do texto e de suas variantes por parte de Galvão, realizou-se a análise da edição, por meio de um levantamento exaustivo das variantes de cada texto. Para isso e para facilitar a visualização do trabalho realizado entre a primeira publicação de 1985 e a última de 2016, criaram-se planilhas com a indicação da página da ocorrência no livro, na edição, de que edição pertencia, e a própria variante, inclusive com o teor de notas de rodapé referente a cada caso. Dessa maneira, foi possível observar o vai e vem constante por parte da editora na compreensão da transmissão da obra de Euclides da Cunha e no processo de emenda do texto.

A análise da parte intitulada “Variantes e comentários” das quatro edições críticas de *Os Sertões* teve como resultado o seguinte quadro:

1985			
pg. livro	pg. ed.	ed. variante	variante
588	92	1	§ A terra
589	95	1, 2, 3, AP	açuaruá (corrigimos para açuará, cf variantes, nota p 158 l. 44)
1998			
pg. livro	pg. ed.	ed.	variante
585	20	1	§ A cerra
587	21	1, 2, 3, AP	açuaruá (corrigimos para açuará, cf variantes, nota p 150 l. 44)
2009			
pg. livro	pg. ed.	ed.	variante
90	20	1	§ a cerra
91	23	1, 2, 3, AP	açuaruá (corrigimos para açuará, cf variantes, nota p 158)
2016			
pg. livro	pg. ed.	ed.	variante
77	18	1	§ A terra
77	21	1, 2, 3, AP	açuaruá (corrigimos para açuará)

Tabela 2: exemplo da indicação de páginas, variantes e notas de Galvão entre as quatro edições críticas.

³² CUNHA, Euclides, Walnice Nogueira. *Variantes e comentários*: Os Sertões. São Paulo: Ubu, 2016, p. 11.

Fonte: O autor

1985		1998		2009		2016	
A1	29	A2	42	A3	42	A4	26
B1	68	B2	68	B3	69	B4	67
C1	24	C2	24	C3	24	C4	24
D1	4	D2	4	D3	4	D4	4
E1	12	E2	13	E3	15	E4	1
F1	4	F2	4	F3	4	F4	4
G1	1	G2	1	G3	1	G4	1

Tabela 2: análise de variantes e comentários das quatro edições críticas de *Os Sertões*.
Fonte : O autor

As letras no quadro acima representam: A - Visíveis alterações nas palavras; B - Mudanças quanto às observações da editora; C- Alteração nas palavras e mudança de ordem ao longo das edições; D - Pequenas mudanças nas palavras, não ficando claro se ocorreram por opção do autor ou da editora; E - Alterações quanto à indicação da edição de Euclides; F - Alteração quanto à indicação da edição de Euclides e visível alteração na palavra. Esse comparativo identificou 588 palavras, por meio das quais, chegou-se ao seguinte gráfico:

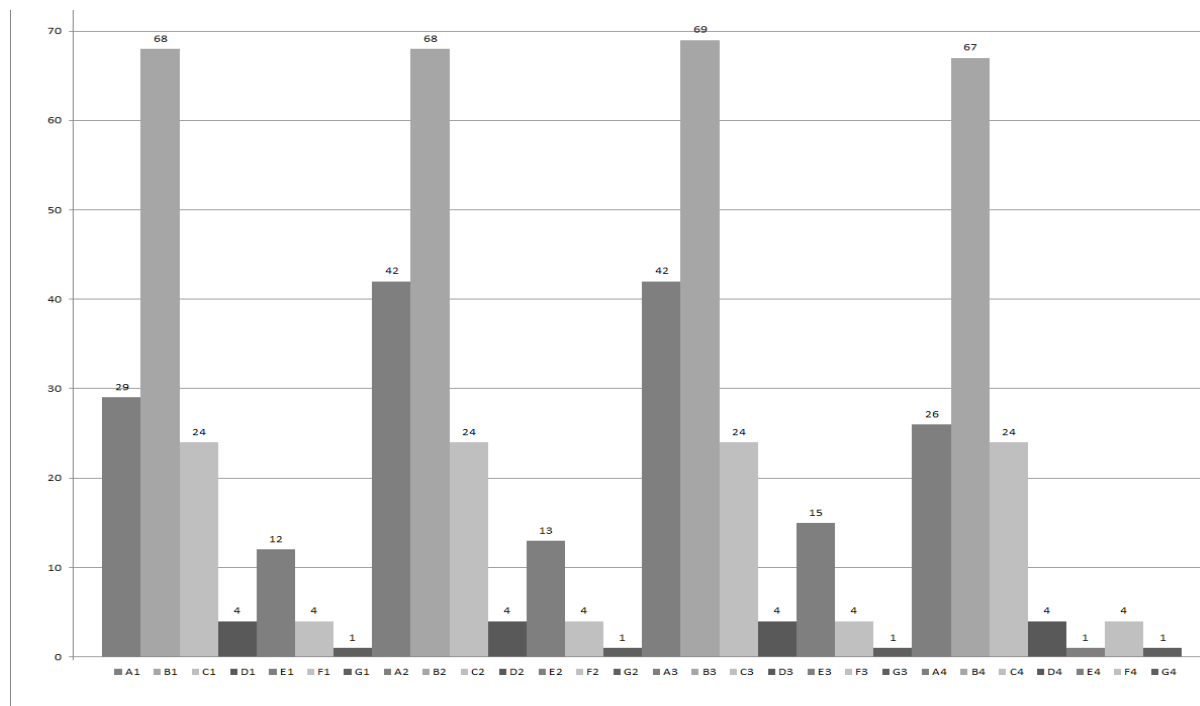


Gráfico 1: alterações que as edições críticas que *Os Sertões* sofreram em suas “Variantes e comentários”.
 Fonte: O autor

O gráfico mostra os tipos de alteração que as edições críticas de *Os Sertões* apresentam na parte intitulada “Variantes e comentários”. Na maior parte dos casos, as mudanças são por trocas de ordens nas próprias edições, seguidas das alterações das palavras. Por exemplo, enquanto as edições de 1985 e 2016 indicam que na 1ª edição de *Os Sertões* o autor, em determinado momento, usa o termo “A terra”, as edições de 1998 e 2009 indicam que o termo usado foi “A cerra”. O mesmo ocorre com “À parte”, em 1985 e 2016, e “A parte”, em 1998 e 2009. Portanto essa amostra inclui desde casos como trocas lexicais, pontuação, aspeamento a alterações gráficas e ortográficas mais pontuais.

Apesar de existirem pontos em comum entre as edições, os casos de variação não são sistemáticos. A falta de padrão abre possibilidade para interpretações sobre o constante trabalho de revisão e de aperfeiçoamento de Galvão ao longo do processo de edição, o qual, percebendo a editora pontos incongruentes no processo, que precisavam ser revistos, aproveitou as oportunidades de novas publicações para alterá-los, destacando o grande mérito do seu trabalho.

Considerações finais

A escolha da leitura de uma obra por meio de uma edição crítica passa, entre diversos fatores, pelo objetivo de ler o que de fato escreveu determinado autor. Conhecendo-se o processo de corrupção que certas obras sofrem ao longo do tempo, acrescenta-se a essa razão o cuidado em procurar compreender os fundamentos que basearam o trabalho crítico, conhecer a história dos testemunhos que compõem a tradição da obra e como se caracterizava, nos casos em que isso é possível ser observado, o processo criativo do autor. Em outras palavras, é estar um pouco mais próximo do ato criativo, não apenas do resultado publicado. Por esse motivo, às edições críticas se

atribuem um alto nível de credibilidade.

No contexto do realizador de uma edição crítica, a base do seu trabalho é o rigor científico com que estuda os documentos com a intenção de fazer com que o resultado de sua tarefa reflita fielmente o texto. A verificação do seu trabalho por outros pesquisadores, e posterior valorização, exige a divulgação de todas as etapas que o levou a determinado resultado. De acordo com Melo³³, um dos requisitos da crítica.

Por meio do estudo de edições críticas, uma vez que sua base é o confronto do conjunto de testemunhos que compõe a tradição de determinada obra, é possível praticar-se o estudo das transformações pelas quais o texto passou, do estilo do autor e do que se denomina em Filologia o seu *usus scribendi*, isto é, a utilização estilística da língua pelo autor e nas formas linguísticas de uma determinada época. Nos casos em que uma obra passa por mais de um processo de edição, especificamente o apresentado neste texto, o de *Os Sertões*, o estudo se revela mais oportuno ainda.

A análise do trabalho de Galvão partiu do estudo da metodologia empregada nas edições críticas, propiciando, assim, a compreensão dos caminhos que pautaram as suas escolhas. Com isso se alcançou o entendimento do processo de emenda das corrupções sofridas ao longo da transmissão dos textos e a apresentação de discussão fundamental para a relevância de um texto fidedigno na atuação do pesquisador no campo dos estudos literários. A compreensão da história dos textos e de sua transmissão garante a compreensão de todas as etapas do trabalho de sua reconstituição. Com base nas diferenças encontradas, compreende-se também a problemática de cada tradição e as exigências feitas ao editor para o seu estabelecimento.

Nesse sentido, além do contributo para o repertório acadêmico-científico de alunos de graduação que estarão em contato com trabalhos críticos em questão, os trabalhos voltados para a análise de manuais de Crítica Textual e de edições críticas propriamente ditas contribuem tanto para os estudos na área da Filologia e Crítica Textual, uma vez que se sistematiza tanto o conjunto de estudos realizados, e suas teorias e métodos, no âmbito dessas ciências, quanto para a Literatura, pois se destaca a relevância do texto fidedigno para interpretações críticas nessa área.

Referências bibliográficas

- ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Comissão Machado de Assis, obras de Machado de Assis, VI. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1960.
- Machado de. *Dom Casmurro*. Edição crítica. Rio de Janeiro; Brasília: Civilização Brasileira; Instituto Nacional do Livro, 1977.
- BLECUA, A. *Manual de crítica textual*. Madrid: Editora Castalia, 1983.
- CAMBRAIA, César Nardelli. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- COMISSÃO Machado de Assis. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. 1960. Rio de Janeiro, Civilização INL, 1960.
- CUNHA, Euclides da; GALVÃO, Walnice Nogueira. *Edição crítica de Os Sertões*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- _____. *Os Sertões: Campanha de Canudos*. São Paulo: Ática, 1998.

³³ MELO, Gladstone Chaves de. *Iniciação à Filologia e à Linguística Portuguesa*. 5 ed. rev. melhorada. Rio de Janeiro: Liv. Acadêmica, 1975, p. 22.

- _____. *Os Sertões*. São Paulo: Ática, 2009.
- _____. *Os Sertões*. São Paulo: Ubu, 2016.
- _____. *Variantes e comentários: Os Sertões*. São Paulo: Ática, 2009.
- _____. *Variantes e comentários: Os Sertões*. São Paulo: Ubu, 2016.
- FACHIN, Phablo; FORSTER, Larissa; LIMA, Lígia; MOREIRA, Camila; NARDI, Ludimila de. O texto que se lê de autores nacionais. *Filologia e Linguística Portuguesa*, v. 12, p. 105-123, 2010.
- FERREIRA, Ceila Maria. Considerações sobre crítica textual e sua importância para o ensino, a pesquisa, a preservação e a divulgação da literatura em língua portuguesa. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/abralin/article/view/52303>. Acesso em 30 nov. 2018.
- HOUAISS, Antônio. *Elementos de Bibliologia*. Vol. II. Rio de Janeiro: INL, 1967.
- JOSSERAND, Sylvie. Autores Brasileiros na Coleção Archivos. In: SOUZA, Eneida Maria de; MELO, Gladstone Chaves de. *Iniciação à Filologia e à Linguística Portuguesa*. 5 ed. rev. melhorada. Rio de Janeiro: Liv. Acadêmica, 1975.
- MIRANDA, Wander Mello. *Arquivos Literários*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. p. 43-53.
- ROCHA, Marinês de Jesus; MOREIRA, Marcello. *Considerações para a escrita de uma história prosopográfica da filologia portuguesa*. Colóquio do Museu Pedagógico. Vol. 12, n. 1, 2017. p. 1719-1723.
- SILVA, José Pereira da. A Comissão Machado de Assis e a Crítica Textual no Brasil. Disponível em: [http://www.filologia.org.br/machado_de_assis/A Comissão Machado de Assis e a crítica textual no Brasil.pdf](http://www.filologia.org.br/machado_de_assis/A%20Comiss%C3%A3o%20Machado%20de%20Assis%20e%20a%20cr%C3%ADtica%20textual%20no%20Brasil.pdf). Acesso em: 14 jun. 2018.
- SPAGGIARI, Barbara; PERUGGI, Maurizio. *Fundamentos da crítica textual*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- VASCONCELLOS, J. L. de. *Opúsculos*. v. 1. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1928.

Recebido em: 17 de junho de 2018

Aceito em: 14 de novembro de 2018